

PARA BAGUNÇAR A CABEÇA: O FILME DE GRAVATA E UNHA VERMELHA



Benedito Carvalho Filho e Maya Foigel

Vencedor do Prêmio Felix de melhor documentário no Festival do Rio do ano passado, o filme *De Gravata e Unha Vermelha* já está em cartaz nos cinemas do país, mas não chegou ainda em Manaus. Com depoimentos de famosos e anônimos, falando sobre diferentes formas de vida, os entrevistados narram histórias interessantes e experiências peculiares em um filme que discute a livre escolha de identidade de gênero. A psicanalista Maya Foigel ouviu Miriam (veja a entrevista abaixo) e me autorizou que ela fosse publicada no jornal *Catarse*.

Maya Foigel, a entrevistadora, trabalha hoje no Hospital das Clínicas, em São Paulo. São 10 longos anos ouvindo transexuais. Em 2012, juntamente com uma colega, montou o site chamado *transsexuaisp.com.br*. Tem, também uma página no Facebook

chamada *Transexuais.*, onde relata experiências e debate com vários interlocutores.

Miriam Chnaiderman, diretora do filme, é psicanalista ligada ao Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, doutora em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Ensaísta, vem publicando em vários jornais e revistas artigos sobre psicanálise, cinema e teatro. Tem dois livros publicados sobre a relação entre arte e psicanálise: *O hiato convexo: literatura e psicanálise* (Brasiliense) e *Ensaaios de Psicanálise e Semiótica* (Editora Escuta).

Tem participado de debates, mesas redondas, conferências para profissionais de artes e psicanálise nas mais diversas instituições e nos mais diferentes eventos, pelo Brasil todo.

É diretora dos curtas documentários: *"Dizem que sou louco"* (1994), *"Artesãos da Morte"* (2001), *"Gilete Azul"* (2003), *"Isso, aquilo e aquilo outro"* (2004), *"Você faz a diferença"* (2005), *"Passeios no Recanto Silvestre"* (2006), *"Afirmando a vida"* (2009), *"M'boi Mirim, Dos índios, das Águas, dos Sonhos"* (2009). Realizou os médias-metragens, *"Procura-se Janaína"* (2007) e *"Sobreviventes"* (2008). Em 2014 lança o polêmico filme chamado *De Gravata e Unha Vermelha*, o seu primeiro longa, que está fazendo sucesso no Brasil e deve ser lançado brevemente em DVD. Os amazonenses ainda desconhecem o filme, mas em breve, certamente, deverá estar nas livrarias e outras distribuidoras.

Para os que se interessam por questão de gênero, o filme da Miriam, como ela diz na sua entrevista, “veio para bagunçar a cabeça de muitas pessoas”, como a do jornalista da revista *Veja*, Reinaldo Azevedo, que recentemente atacou a Laerte, um dos personagens do filme, o que só revela que o filme da Miriam veio mesmo para provocar polêmica, bagunçar, como ela diz, “num momento de conservadorismo, onde os nossos representantes no Congresso pensam em retrocederem nos avanços que a gente

teve, um filme como esse tem um papel, tem função que eu gosto que ele tenha”.

Meu nome é Miriam Chnaiderman, psicanalista de documentarista. Tenho uma clínica, trabalho na formação de analistas e, desde 1992 eu venho fazendo cinema. Fui para o cinema como uma analista que sai para o mundo e quer ver de que jeito as questões que eu tenho na minha clínica se incorporam e acontecem nesse mundo em que a gente vive.

Meu primeiro documentário foi *Dizem que sou louco*, ou seja, sobre loucos de rua, a questão *psi* e todos temas têm a ver com aquilo que no nosso mundo fica embaixo do tapete. São questões que brotam muito da psicanálise e eu vou ver como isso está lá no mundo. É assim que posso me definir hoje nesse momento. Acho que tem uma passagem acontecendo na minha vida porque estou com um filme em cartaz, *De Gravata e Unha Vermelha*. Já tinha feito filmes para a televisão que circularam em festivais, mas é o meu primeiro longa metragem e está aí mesmo com as barreiras do cinema nacional que é a distribuição.

O processo desse filme foi muito interessante. De Gravata e Unha Vermelha estão aí dois emblemas do que é o feminino e o masculino e é um filme que foi concebido para gerar uma bagunça nisso tudo. Para bagunçar isso que na nossa cultura se estipulou, convencionou-se chamar homem e mulher.

A ideia do filme surge a partir das entrevistas da Laerte, que, depois dos 60 anos aparece publicamente vestida de mulher. A Laerte é de uma geração de cartunista e desenhista de histórias em quadrinhos que abalou as estruturas nos anos 70, a chamada *contracultura*. Era um momento de muita repressão política e um dos jeitos da gente se opor ao regime ditatorial terrível. Era bagunçar o coreto, ou seja, pregar o amor livre, uma coisa libertária. Foi a época do Angeli, do Chiclete com Banana, enfim,

uma época bastante interessante. Quando o Laerte aparece, o Laerte vira a Laerte, é quase um resgate daquele momento libertário, porque ele vai bagunçar totalmente um mundo machista, um mundo dos cartunistas falando das mulheres gostosas, enfim, ele vem pra bagunçar. E ele tinha um discurso muito interessante nas entrevistas. Ele dizia: “por que tenho que me submeter ao que a cultura determina o que seja homem ou mulher? Por que homem deve gostar de futebol e mulher tem que bordar ou gostar de boneca? Por que eu não posso me vestir do jeito que eu quero?” E ele fez isso acontecer na vida dele com uma coragem admirável.

A Laerte é de uma geração de cartunista e desenhista de histórias em quadrinhos que abalou as estruturas nos anos 70, a chamada contracultura. Era um momento de muita repressão política e um dos jeitos da gente se opor ao regime ditatorial terrível.



Quando aparecia nas primeiras entrevistas dela era um momento que eu estava me dando um tempo no cinema porque é muito duro ser psicanalista, ter uma clínica e fazer cinema. Fazer cinema é muito difícil, muito duro. Você precisa editar, você precisa de dinheiro. E eu estava me dando um tempo. Quando

apareceram as entrevistas da Laerte eu pensei e disse para mim mesma: “essa filme me interessa, essa bagunça, esse questionamento ai me interessa”. E fui conversar com a Laerte. Ela estava ainda no início de transformação, ainda não era claro, como depois ficou que ela vivia aquele momento de colocar seios (ela explicita isso no filme) e não tinha isso do “eu quero virar mulher”. E eu perguntei para ela: “será você me conduziria por esse mundo das pessoas que bagunçam essa coisa que é ser homem e mulher?”. Enfim, eu fiz um projeto de documentário e surgiu um concurso de Ministério da Cultura para documentários. Eu no início hesitei. Quem me incentivou foi o produtor que é meu parceiro, companheiro, que disse “se manda, o que pode acontecer é eles dizerem não”. Aí eu resolvi mandar... São caretas, mas mandei e ganhei em primeiro lugar. E ai tinha que fazer o filme e comecei a entrar nesse mundo sem a Laerte que estava num momento que ela não queria saber de cinema ´porque ela tinha feito um curta e que tinha passado por um processo muito exaustivo, um curta da própria Priscila vestida de Laerte. Ela topava fazer o filme, mas somente me acompanhar no processo. E nessas conjunturas, nessas coincidências que no documentário são incríveis...

Eu frequento uma padaria do lado do meu consultório e da produtora e por lá sempre passava um homem alto de cabelão, vestido com castas, com brincos, com joias lindas e eu via esse homem-mulher, mulher-homem super bem aceito pelos portugueses conservadores da padaria, porque ele demonstrava uma tranquilidade no jeito dele ser. E fiquei sabendo que ele era um estilista importante, o dr. Bertoline. E um dia, diante da recusa da Laerte não me acompanhar eu cheguei com o Dudu e contei... Me apresentei e ai foi muito legal porque eu reparava nele e ele reparava em mim, porque eu sou ruiva, colorida... Uma troca de gentiliza no começo e ele se encantou com o projeto e ai foi me acompanhando nesse percurso..

Foi um processo muito incrível e rico, de abertura para algo que até hoje desperta tanta curiosidade e é tão difícil no mundo da gente, que é ser, ir atrás daquilo que você deseja ser...

Entrevistadora: *Ele se torna quase um montador nessa história junto com você....*

Sim, ele vai viajando nisso junto comigo e foi muito interessante, tanto que nos letreiros está: curadoria: minha e do Dudu (ou seja, a escolha dos personagens foi feito por nós dois) e os *vips*, os chiques do filmes foi ele que nos fez chegar, que eram a Rogéria, Ney Mato Grosso, todo esse mundo mais glamorosos dessa questão. Foi um processo muito incrível e rico, de abertura para algo que até hoje desperta tanta curiosidade e é tão difícil no mundo da gente, que é ser, ir atrás daquilo que você deseja ser...

Entrevistadora: *Por que Miriam, porque é tão difícil?*

Porque a gente vive num mundo organizado no nominalismo de Weber. Juridicamente, escolarmente... E esse outro mundo tem uma quebra da organização binária que rege o mundo (sim, não, é, não é...)... E tomara que eu tenha conseguido bagunçar. Meu desejo quando ia fazendo o filme era criar uma vertigem onde as pessoas saíssem do cinema sem saber mais o que é que é homem e o que é mulher. E eu acho que foi nessa direção que eu fui e num documentário você sempre que ter uma questão muito clara. O que orientou foram pessoas que bancam seu desejo, seja ele como for.

É um filme onde você tem gays, trans, enfim, a questão é você bancar o desejo e enfrentar um mundo que não suporta, que o tempo todo aprisiona o desejo, procura organizar o desejo. O desejo é bagunçador, desruptor é de sua essência bagunçar. Então é um filme onde eu fiquei muito encantada com as figuras todas, desde o Ney Mato Grosso até a Thais de Sousa. Tem uma fala da Thais muito impressionante no filme, naquele momento em que ela está aguardando a cirurgia ela diz: “tem mil sexos dentro desse

corpo”. Eu acho que o que ela disse é de uma sabedoria imensa, é um resgate do que é a sexualidade esparramada pelo corpo, esparramada do jeito mais bagunçado, desordenador, enfim...

Entrevistadora: *É como se dissesse: vamos sair da caretice em formato de documentário...*

E no filme tem uma coisa discutida por alguns críticos que é a presença dos homens que brincam de ser mulher no carnaval em Gonçalves....

Entrevistadora: *Essa parte eu acho fantástica...!*



Eu gosto muito dessa parte, mas não é todo mundo que gosta. Gosto porque todos nós temos essa fantasia. Não precisa ser homo, ser *trans*, mas que essa brincadeira de ser homem e mulher faz parte das relações eróticas seja lá quais forem. E você tem que ter esse desprendimento de circular entre os vários lugares da sexualidade para poder viver uma relação de fato tesuda. Eu quis mesmo expor aqueles caras que trabalham no trator, na lavoura, com carro, virando mulher e brincando com isso. Talvez todos nós deveríamos brincar disso para viver plenamente a sexualidade. É um jogo que é vivido radicalmente pelas *trans*, gays, etc., mas que faz parte de qualquer sexualidade.

Entrevistadora: *A questão da sexualidade esta sendo abordada agora. Você falou principalmente dessa sua inspiração da psicanálise clínica e do teu olhar para o cinema, ou seja, das questões saírem do consultório e irem para outro olhar. Por que a questão da sexualidade agora, nesse momento?*

É como eu falei, teve um momento em que me conectei. Acho que nós, psicanalistas – essa é uma pergunta que me fazem... A questão da sexualidade está presente o tempo todo. A gente é psicanalista... Não falam assim, que Freud vê sexo em tudo? É uma questão para mim desde sempre. Eu lá atrás escrevi sobre isso.

Quando a Mandona veio aqui no Brasil, escrevi. Quando o Michel Jakson (em 1993) veio e me pediram para escrever e eu já falava naquela época que a questão é nossa, que a gente tem que enquadrar quem é homem e quem é mulher. No Michel Jakson isso me instigava porque essas figuras andróginas a gente não consegue dizer que é homem ou mulher. Até no Michel Jakson é mais complexo. Tem várias figuras da música, onde essa questão se colocava lá atrás.

Então eu tinha como psicanalista e pela leitura do próprio Freud quando fala nos Três ensaios sobre a sexualidade, no polimorficamente perverso de todos nós, ou seja, de um erotismo esparramado pelo corpo, pelos órgãos, enfim, qualquer lugar é erotizável. Depois o Freud vai fechando (eu acho). Uma das coisas que me intriga e que esse filme trouxe para mim é a questão do quanto as teorias sobre o Édipo, do complexo de Édipo dão conta disso que está acontecendo.

Eu acho que o meu interesse pela sexualidade vem do fato de eu ser psicanalista. Agora, essa oportunidade de fazer um trabalho sobre a questão da sexualidade imagetivamente veio a partir da Laerte e do Dudu. E é interessante porque o Dudu se define como um jean de fouker, ou seja, alguém não está ai nem com quem quer ser homem nem com que é ser mulher. Ele quer



ser, simplesmente. Então, eu acho que cada um é um ser único. Os que as pessoas tem me dado de retorno do filme é o encantamento ao perceber que cada figura é uma figura única. Você não consegue enquadrar a pessoa nisso ou naquilo e cada um vai descobrindo o seu jeito de viver a sua sexualidade. A questão da sexualidade está exposta desde sempre. O que a Laerte me deu e depois o Dudu foi a possibilidade de trabalhar com isso num filme e ver essa questão encarnada em histórias de vida de um jeito muito rico.

Entrevistadora: *Miriam, agora o que é que fica com o filme visto na telona, ver o processo finalizado, você só está recebendo do seu feedback... Como está a sensação? Claro, também deve estar sentindo um turbilhão e uma vertigem ... Mas se você pudesse definir um pouco o que você diria, o que você pode compartilhar com a gente? O que fica dessa experiência incrível?*

Eu estou muito emocionada e achando muito incrível que esse filme esteja na telona. Isso me emociona. Emociona-me o retorno que eu tenho tido... E o retorno que eu tenho tido é o retorno contra o preconceito. É um filme engajado, militante nessa questão da possibilidade e da diferença. E que cada um possa ser o que é. Se eu puder dar uma gotinha de contribuição nesse sentido eu já fico feliz. E as críticas vão muito nesse sentido. Um filme que num momento de conservadorismo, num momento em que os nossos representantes no Congresso pensam em retrocederem nos avanços que a gente teve, um filme como esse tem um papel, tem função que eu gosto que ele tenha.

Entrevistadora: *Miriam, eu fico muito feliz, porque uma coisa é ter a oportunidade e o privilégio de ter você como professora e conhecer esse teu olhar sensível como analista e como formadora de analistas. Outra coisa é olhar você como cineasta e saber que você consegue ter esse mesmo olhar generoso, sensível, didático. É impressionante é a mesma Miriam que vi em sala, a mesma Miriam com quem já aprendi tanto e a mesma Miriam que pode espalhar essa generosidade. É isso, um filme contra o preconceito. Um filme de utilidade pública. Eu fico*

muito feliz e queria te agradecer muito por esse bem que você fez pra gente ao deixar a gente muito bagunçada.

Por Maya Foigel (em 20/08/2015)

EM MANAUS O PRECONCEITO É MUITO FORTE



Parada do Orgulho Gay vai pedir basta a homofobia (Bruno Kelly)

Mesmo em ambientes que deveriam primar pela educação à tolerância e pluralidade, o preconceito de gênero ainda é muito forte na sociedade brasileira. Não são poucos os casos de intolerância que ocorrem aqui na cidade de Manaus, principalmente nas escolas. Há até casos de agressões com relação aos que ousam “bançar”, como diz Miriam Chnaiderman na entrevista acima, a sua sexualidade.

Houve avanços nas últimas décadas, não podemos negar, principalmente no reconhecimento dos direitos sociais com

relação a essa questão, mas, infelizmente, uma grande parcela da sociedade brasileira não tolera nem respeita as diferenças e discrimina pessoas e até, muitas vezes, agride e mata o outro por não tolerar a diversidade do universo da sexualidade humana, pois é difícil para certos setores da sociedade sair dos padrões hegemônicos de classificação e normalidade, desses padrões binários de classificação.

Um exemplo:

No dia 24 de junho de 2015 o jornal *A Crítica*, de Manaus, informou aos seus leitores que a Secretária da Seduc, Roseli Soares levou à Assembleia o Plano Estadual de Educação, onde determina que os professores recebam nas universidades as questões relacionadas à educação e diversidade, pois na formação que eles recebiam na instituição há “grande defasagem de formação específica para profissionais – professores, gestores, especialistas e de apoio” para atender a demandas educacionais específicas, como educação e diversidade.

Mas as pressões, no entanto, foram grandes, pois em junho de 2014, foi excluído do Plano Nacional de Educação (PNE) o termo “igualdade de gênero”, devido a pressões de grupos conservadores religiosos.

O pastor e pedagogo chamado Daniel Melo classificou como “brincadeira” a tentativa de inserir no PEE a “ideologia de gênero”. Para ele, com seu raciocínio binário, “ou você nasce homem ou nasce mulher. Impor através da educação a mudança de gênero é um absurdo. Estou indignado”, afirmou.

A professora de Antropologia da Universidade Federal do Amazonas Flávia Cunha, no seu Blog, contra atacou, mostrando que “o processo de educação tem que ser direcionado ao respeito. Para nós o ideal era que isso estivesse contemplado no Plano

Nacional, nos planos estaduais e municipais como algo transversal. É fundamental garantir que ‘gêneros’ e ‘diversidade sexual’ como uma maneira de dar visibilidade ao sujeito e garantir os direitos de todos e todas como prevê a Constituição Federal. Não é uma palavrinha a mais ou a menos que vai fazer efeito. Nós acreditamos que, “sim”, o que provoca efeitos e efeitos danosos para a sociedade como um todo ao ignorar a diversidade e dessa forma permitir que a escola seja um espaço a mais de violação de direitos e de negação das diferenças. Não é produzir iguais, mas sim respeitar os diferentes”.

